



“POR ONDE ANDA VOCÊ” – SOBRE A NORMA E O USO DE *ONDE* NA FALA PAULISTA

Milena Aparecida de Almeida¹

(UNESP/SoLAR/FAPESP)
milena.a.ap@gmail.com

Rosane de Andrade Berlinck²

(UNESP/SoLAR/CNPq)
berlinck.rosane@gmail.com

X

Resumo: Analisamos os usos, prescritos ou não, de onde em uma variedade da fala paulista. Também discutimos se os usos “desviantes” se inserem em um processo de gramaticalização. Nossa base teórico-metodológica inclui teorias de gramaticalização (HEINE et al, 1991; HOPPER, TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 2001, 2011), a Sociolinguística variacionista (WLH, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003), e o conceito de norma(s) (COSERIU, 1980; REY, 2001; FARACO, 2008; FARACO, ZILLES, 2017). Os dados (do banco IBORUNA-Projeto ALIP (Gonçalves, s.d)), foram analisados segundo fatores extralinguísticos (sexo/gênero; idade, escolaridade) e linguísticos (tipo textual e tipo de construção) e quantificados por meio da linguagem de programação R (CORE TEAM, 2018).

Palavras-chave: Onde. Gramaticalização. Norma Linguística. Português Paulista

X

As autoras:

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. É membro do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAR) e bolsista FAPESP.

² É professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Líder do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAR).

Agradecimentos:

O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPESP 2018/05122-0.

Como citar este artigo:

ALMEIDA, M. A; BERLINCK, R. A. “Por onde anda você?” – Sobre a norma e o uso de *onde* na fala paulista. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 1, 2019.

1 Introdução

Dentre os fenômenos no âmbito da sintaxe do português brasileiro (PB) que têm despertado interesse de muitos linguistas, o emprego dos pronomes relativos e as estratégias de relativização ocupam um lugar de destaque. Processos como a generalização do uso do pronome *que*, a emergência e expansão de estratégias ‘alternativas’, como as relativas ‘copiadora’ e a relativa ‘cortadora’ encontram-se entre os primeiros que foram investigados quando do renascimento dos estudos em Linguística Histórica no Brasil, a partir dos anos 1980 (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983, 1985; CAMACHO, 2013, 2017; RIBEIRO, 2009; BISPO, FURTADO DA CUNHA, 2019).

Mollica (1977) e Tarallo (1983,1985) trouxeram à luz o processo variável envolvendo as estratégias de relativização, mostrando como a estratégia padrão (*pied-piping*) (1)* foi perdendo terreno na história do PB para as estratégias denominadas “copiadora” e “cortadora”. Na “copiadora” temos a presença de um pronome pessoal, preposicionado ou não, devido à “despronominalização” do pronome relativo, como no exemplo (2). Já a “cortadora” faz referência à sentença em que se apaga o pronome pessoal, e a preposição, no caso de complementos preposicionados, como no exemplo (3).

- (1) Os painéis solares geram a energia **com que sempre sonhamos**.
- (2) Os painéis solares geram a energia **que sempre sonhamos com ela**.
- (3) Os painéis solares geram a energia **que sempre sonhamos**.

Apesar dos intensos trabalhos para descrição de tais construções, ainda existem lacunas quanto aos pronomes relativos. Se nos detemos na tradição gramatical sobre o pronome *onde*, por exemplo, encontramos a descrição/prescrição de seu uso restrito a “o lugar em que” (BECHARA, 2009; CUNHA, CINTRA; 1985). Em contraste com essa tradição, já vem se formando uma bibliografia (sócio)linguística quanto à variação da categoria semântica à qual *onde* se refere. Podemos elencar dessa literatura: trabalhos que investigam o uso do pronome **onde** especificamente em textos escritos (LIMA, 2007; MARINHO, 1999; ZILLES, KERSCH, 2015), na fala (SOUZA, 2003; CAMBRAIA, ARAÚJO, 2004), nas duas modalidades (BRAGA, MANFILI, 2004). Um aspecto frequentemente explorado nesses estudos é o processo de gramaticalização das construções com esse pronome, foco principal dos trabalhos de Coelho (2001), Silva (2008), Lima e Coroa (2014).

Muitos desses estudos têm sido motivados pela constatação de que o emprego de referências não-locativas associadas ao pronome relativo **onde** parece estar se tornando cada vez mais recorrente em textos de escrita monitorada (LIMA, 2007). Ao analisar a escrita monitorada de universitários de Letras e professores do Ensino Fundamental e Médio do Distrito Federal e de Goiás, rede pública e privada, que ministram a disciplina de língua portuguesa, Lima (2007) identifica o caráter multifuncional do pronome e chega à conclusão de que

Os materiais de padronização, em vez de proporem uma aproximação da norma-padrão ao uso efetivo que as camadas mais letradas da população fazem da língua portuguesa no Brasil,

* Os exemplos (1-3) foram emprestados de Castilho (2014, p. 367).

preferem seguir a orientação da padronização do português de Portugal, cujo vernáculo é seguramente diferente do nosso. (LIMA, 2007, p. 132).

Marinho (1999), por sua vez, observa o uso de **onde** em textos acadêmicos produzidos por alunos da Faculdade de Letras da UFMG. Após sua análise, a autora conclui que considerar como erro os usos de **onde** que fogem à norma prescrita “é uma abordagem normativa, reducionista, que só focaliza o produto, o enunciado, e não o processo de sua produção” (MARINHO, 1999, p. 168).

Por fim, Zilles e Kersch (2015) se comprometem a destrinchar as definições que a palavra **onde** recebe pela prescrição gramatical, assim como observar uma proscrição crescente para seu uso não prescrito. Também é do interesse das autoras descrever os usos que os falantes têm produzido para essa palavra. Além disso, Zilles e Kersch (2015) articulam possibilidades de um ensino que abranja as variações linguísticas e, no caso específico focalizado por elas, modos como os professores podem realizar seus planos de ensino incluindo a multifuncionalidade da palavra **onde**.

Para ilustrar a divergência apresentada entre a norma padrão propagada pelas gramáticas normativas e a realização do falante, indo ao encontro da literatura que busca descrever o fenômeno, apresentamos dois enunciados recolhidos do banco de dados do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (Gonçalves, s.d):

- (4) “Inf.: [no começo]... no/ não no/ fo/ durante um tempo eu gostava depois as mágoa foram tantas... [Doc.: que acabô(u)?] que já se suportava já num gostava mais... nos últimos cinco anos foi terrível [Doc.: foi difícil]... terríveis... terrível **os:: últimos dois anos onde eu passei a desconfiá(r) que ele tinha... caso com uma colega de trabalho**” (AC-101; L. 58-61)
- (5) Doc.: ou vergonha dos colegas também né? Inf.: também:... mas eu acho que daí acho que professor também... ele pode contorná(r) isso porque **o professor Sabe dando a matéria onde que o aluno vai tê(r) dúvida... lógico que nem todo alunos... vão tê(r) a mesma dúvida mas:: ele pode dá(r) ênfase numa coisa... num determinado assunto né?** (AC-81; L.239-243)

Em (4) o pronome relativo *onde* é usado na construção para uma referência ao sintagma *os últimos dois anos*, ou seja, a referência por ele efetuada é temporal, e não estritamente espacial. Em (5) o pronome adquire ainda um valor diferente: ele retoma uma situação que não pode ser classificada como tempo ou espaço: não se trata de um lugar ou período específico, mas a ideia de que o professor sabe em que tópico o aluno terá sua dúvida.

O estudo de Braga e Manfili (2004) exemplifica o processo que afeta esse item, servindo-nos de referência básica sobre o fenômeno. A partir de um *corpus* constituído de amostras escritas de jornais de grande circulação no Rio de Janeiro e amostras de fala provenientes do acervo do PEUL - Projeto de Estudos do Uso da Língua, as autoras buscam os empregos do pronome relativo **onde** em referências a entidades não-locativas. As variantes - a construção com o pronome **onde** e a construção com o sintagma preposicionado (SPrep) - são analisadas em função de categorias cognitivas a que fazem referência e da posição sintática que ocupam na sentença. A análise de dados leva as autoras à seguinte conclusão:

a dispersão de usos de *onde*, no que diz respeito às categorias não-espaciais, aliada à não realização da preposição subcategorizadora do Sprep encabeçador de orações relativas, pode estar favorecendo a generalização dos contextos sintáticos nos quais *onde* pode ocorrer, numa mútua interdependência entre semântica, pragmática e sintaxe. (BRAGA, MANFILI, 2004, p. 241).

Embora haja um conjunto relevante, ainda que modesto, de estudos sobre os usos “desviantes” do pronome **onde**, vemos que grande parte deles focalizou produções escritas. Estudos sobre dados de fala abordaram poucas variedades, como a soteropolitana, a belorizontina e a carioca. Não se tem notícia de pesquisas sobre o tema que tenham investigado dados de fala paulista. Para avaliar a pertinência e extensão do processo de generalização de **onde**, hipotetizado por Braga e Manfili, faz-se necessário também investigar uma amplitude maior de variedades e explorar o fenômeno na modalidade falada.

Partindo desse cenário, o presente estudo tem por objetivo mapear e caracterizar os usos que o pronome relativo **onde** tem assumido na fala paulista[†]. Buscamos responder as seguintes questões de pesquisa: (i) é possível identificar usos não locativos de **onde** em produções orais de paulistas?; (ii) se **onde** também remete a categorias não espaciais nos dados paulistas, que fatores (linguísticos e/ou extralinguísticos) se correlacionam a tais usos?; (iii) em que medida os chamados usos “desviantes” de **onde** se inserem em um processo de gramaticalização? Em suma, visamos contribuir para estabelecer qual é a norma do uso (práxis), em contraponto ao uso da norma (prescrição) para o fenômeno em estudo.

2 Fundamentação teórica

Nosso estudo se funda em uma visão funcionalista da linguagem, da língua em uso. Dentro desse campo mais amplo, nos interessa particularmente verificar como se dá a associação de “operações e conceitos cognitivos e comunicativos com expressões perceptíveis” (LEHMANN, 2011, p. 2) e, sobretudo, em que medida formas linguísticas entram ou não em competição para expressar tais conteúdos. Lehmann (2002) lembra que essas relações podem ser avaliadas segundo duas perspectivas: *onomasiológica* ou *semasiológica*. No primeiro caso, parte-se do conceito (ou função) e se busca descrever como ele é expresso na língua em estudo; no segundo, o ponto de partida é uma forma (uma palavra, uma expressão, uma construção), cujos sentidos (funções) serão mapeados. O presente estudo se alinha à segunda perspectiva, assumindo como uma de suas hipóteses que os vários sentidos expressos por **onde** compõem um caminho de gramaticalização no português.

Entendemos aqui *gramaticalização* como processo que, de modo amplo, descreve o percurso de alterações que sofre um item linguístico no sentido de se tornar mais gramatical. Esse caminho pode levar um item lexical a adquirir propriedades gramaticais ou um item que já integra categorias gramaticais a se tornar-se mais gramatical (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES, CASSEB-GALVÃO, 2007). É o segundo caso que pode se aplicar ao estudo de **onde**: seu estatuto como pronome relativo indicativo de lugar está atestado já na fase arcaica

[†] O estudo investiga uma amostra de fala do interior paulista, representativa da variedade em uso na microrregião de São José do Rio Preto (noroeste do estado) (Projeto ALIP, Gonçalves, s.d).

do português, ainda que guardando o sentido de proveniência ('de onde') herdado do latim (MATTOS e SILVA, 1993, p. 112); assim os empregos não locativos desse item são entendidos como desenvolvimentos que se dão dentro do componente gramatical da língua. Cabe, ainda, destacar que esta investigação aborda os usos de **onde** em uma perspectiva *sincrônica*: descrevendo dados de uma amostra de fala representativa de uma variedade do português paulista, objetivamos identificar "(...) os graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, sob um enfoque discursivo-pragmático" (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p.16).

Um dos principais mecanismos atuantes em tais deslizamentos funcionais é aquele da metáfora (HEINE et al, 1991; HOPPER, TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 2002). Ainda que variem em alguns aspectos, as definições de *metáfora* presentes na literatura convergem quanto à ideia de que se trata de "compreender e experienciar um certo tipo de coisa em termos de outro e [quanto à] direcionalidade de transferência de um significado básico, geralmente concreto, para um mais abstrato" (HOPPER, TRAUGOTT, 1993, p.77). Esse *processo de abstração* (HEINE et al, 1991) se configura na forma de *continua* ou *clines* de categorias cognitivo-semânticas. Um *cline* geral é aquele de **espaço > tempo > texto** (TRAUGOTT, HEINE, 1991). O estudo de Braga e Manfili (2004), aqui já mencionado, que trata especificamente do emprego de **onde** em amostras do português carioca, explora um conjunto mais detalhado de categorias: **lugar, atividade, tempo, objeto, situação/estado, noção, instituição e produção discursiva** (BRAGA, MANFILI, 2004, p.238). Essas propostas nos orientaram na análise dos dados de **onde** da variedade do português paulista em estudo, de modo a caracterizar seus usos.

Paralelamente ao percurso semântico e discursivo-pragmático, o item percorre um caminho sintático, marcado por uma mudança categorial. Se continua funcionando como pronome (mantendo sua natureza anafórica) nos usos prototípicos locativos, caminha no sentido de se tornar um "mero" conector, quando contribui para ligar porções do texto segundo relações como causa, conformidade, explicação. Tarallo (1983, 1985) e Camacho (2017) propõem esse percurso para as construções de relativização com *que* no PB. Esse último autor afirma que o "pronome relativo passa a exercer a função de marcador de relativização, ou conjunção. Em outros termos: um operador gramatical, com a perda dessa possibilidade de recuperar traços do antecedente" (CAMACHO, 2017, p. 153). Assumimos como hipótese que o mesmo está se dando com **onde**.

Não menos importante no conjunto de fundamentos que sustentam o trabalho é o aporte da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (TVM) (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003). Tomamos esse modelo em seus princípios gerais, (i) quanto à concepção de língua (como sistema de expressão e comunicação empregado por uma determinada comunidade de fala em que "desvios do sistema homogêneo não são erros ou extravagâncias a serem atribuídas ao desempenho (ou performance), mas estão codificadas e são parte de uma descrição realista da competência da comunidade de fala" (WEINREICH et al., 1968, p.121), e (ii) quanto à naturalidade dos fatos de variação linguística (resultado inevitável da interação linguística e condição para que a língua seja funcional no contexto em que é utilizada (WEINREICH et al., [1968], 2006)). Também adotamos o instrumental metodológico da TVM: o objeto deste estudo não constitui

um fenômeno variável, no sentido estrito definido dentro dessa abordagem, mas nos valem da metodologia da TVM como recurso heurístico, que nos permite caracterizar os contextos de uso de **onde** nos dados paulistas. Voltaremos a esse aspecto na seção dedicada à Metodologia.

O estudo se pauta, assim, pela articulação entre as abordagens da *gramaticalização* e da Sociolinguística variacionista. Poplack (2011) explicita seus aspectos convergentes e ilustra sua tese com um estudo variacionista de gramaticalização: a trajetória da expressão de futuro no Português Brasileiro. Segundo a autora, são fundamentos de ambas as teorias “a primazia do uso da língua, a ubiquidade da variabilidade e a gradualidade da mudança” (POPLACK, 2011, p. 210)[‡] e, para ambas, “a premissa central é a de que o objeto fundamental do estudo é a língua em *uso*, ao contrário de alguma idealização de como a língua *deveria* ser usada.” (POPLACK, 2011, p. 210)[§]. Gorski e Tavares (2013) identificam o conceito de *gramaticalização* como um dos pontos de contato entre o Funcionalismo Linguístico e a Sociolinguística Variacionista. As autoras discutem os pressupostos teórico-metodológicos dos dois modelos, em suas convergências e divergências, para demonstrar a pertinência de uma orientação de pesquisa construída na sua interface – o Sociofuncionalismo. A proposta deste estudo se vincula, em boa medida, a essa abordagem.

Por fim, considerando a avaliação que pesa sobre usos não locativos de **onde**, como destacamos na Introdução deste estudo, torna-se essencial levarmos em conta o conceito de norma(s) linguística(s). Refere-se a “(...) fato tradicional, comum e constante” (COSERIU, 1980, p.122). Esse sentido de **norma** – normal, objetiva – se contrapõe àquele que a concebe como sistema de valores – normativa, prescritiva (REY, 2001; ALÉONG, 2001; LAGARES, BAGNO, 2011, entre outros). Esse embate está no centro de nossa discussão. Como expõe Aléong (2001),

A observação do comportamento linguístico estabelece a existência de uma distância maior ou menor entre o sistema socialmente dominante das prescrições linguísticas e a realidade dos desempenhos diários. Isso significa que, de um lado, um conjunto de julgamento de valores amplamente difundidos – uma ideologia linguística – preconiza o emprego de certas formas com a exclusão de outras em nome da correção linguística, ao passo que, de outro lado, as realizações concretas se apresentam sob o aspecto de uma notável diversidade de formas. (ALÉONG, 2001, p. 145)

Alinhados com esse pensamento, Faraco (2004, 2008) e Faraco e Zilles (2017) discutem o conceito de **norma linguística** e seus desdobramentos, com um olhar particular para a realidade linguística brasileira. No cenário de normas que caracteriza esse contexto, para o presente estudo cabe destacar dois conceitos – a **norma culta** e a **norma padrão**.

Norma culta “designa tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram *cultos*”. É, então, a “norma normal” de um grupo social “tipicamente urbano com elevado nível de escolaridade e que faz amplo uso dos bens da cultura escrita” (FARACO, ZILLES, 2017, p.19). Tal norma

[‡] Tradução nossa: “The primacy of language use, the ubiquity of variability, and the gradualness of change” (POPLACK, 2011, p. 210)

[§] Tradução nossa: “The central assumption is that the fundamental object of study is language use, as opposed to some idealization of how language should be used” (POPLACK, 2011, p. 210)

apresenta legitimidade histórica por se referir a grupos que operam maior poder social e compreende “fatos de língua” que podem ser descritos como um uso adequado “em situações formais de fala e na escrita” (FARACO, 2004, p. 39). Diferindo da norma culta, **norma padrão** “designa a “norma normativa”, isto é, o conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos” (FARACO, ZILLES, 2017, p.19). Trata-se, então de “um modelo idealizado”, “um construto que busca controlar o fluxo espontâneo do funcionamento social da língua” (FARACO, ZILLES, 2017, p.19) Sobre o processo que gerou (e gera) a norma padrão, Faraco (2004) afirma que:

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilidade linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de *norma-padrão ou língua-padrão*. (FARACO, 2004, p. 40 [grifos do autor])

Ao analisar dados reais de uso da língua, em contextos de entrevista sociolinguística, objetivamos identificar uma “norma normal”, a **norma culta**, no que se refere ao emprego de **onde**, em contraponto ao que prescreve a “norma normativa” – a dita **norma padrão**.

Após expor brevemente a fundamentação teórica do estudo, nos dedicamos a apresentar o seu *modus operandi*, ou seja, explicitar as decisões e procedimentos metodológicos adotados.

3 Metodologia

Como já referido, assumimos a metodologia da Teoria da Variação e Mudança Linguística como recurso heurístico para nos levar à caracterização dos contextos de uso dos vários sentidos expressos pelas construções com **onde**** . O corpus de análise é composto a partir das amostras de fala do banco de dados IBORUNA do projeto ALIP (Gonçalves, s.d), que reúne um total de 152 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas segundo a faixa etária, a escolaridade, o sexo/gênero e a renda do entrevistado. Além dessas características, o projeto ALIP tem uma particularidade que consideramos ser de relevância para nossa análise: as entrevistas foram estruturadas em cinco modalidades textuais (Narrativa de Experiência, Narrativa Recontada, Descrição de Espaço, Relato de Procedimento, Relato de Opinião).

Levando em conta duas de nossas questões de pesquisa – se ocorrem usos não locativos de **onde** e, em caso afirmativo, como se caracterizam os contextos de tais usos – os dados coletados foram inicialmente caracterizados segundo a categoria semântica a que **onde** remete na oração, estabelecendo uma distinção binária: (i) **onde** que expressa “valor locativo” e (ii) **onde** que expressa “valor não locativo”. Posteriormente, foi feito um refinamento da categoria “não locativo”, permitindo assim verificar em que medida as distinções e

** O presente estudo se insere em uma proposta mais ampla de investigação das construções com o pronome **onde**, que incluirá em etapas posteriores a análise de outras formas e construções alternativas para a expressão das funções desempenhadas por esse pronome, contemplando situações de variação *strictu sensu*.

os *continua* propostos na literatura se manifestam na amostra analisada, na busca de respostas para nossa terceira questão – o quanto os usos ‘desviantes’ de **onde** integram um processo de gramaticalização.

Um segundo aspecto de natureza linguística analisado diz respeito à natureza da oração em que **onde** ocorre. Foram identificados três tipos de oração na amostra investigada: oração adjetiva/relativa com **núcleo/antecedente** (relativa com núcleo) (6 a-b), oração adjetiva/relativa sem antecedente (relativa livre) (7 a-b) e oração não adjetiva/não relativa (8 a-b).

- (6a) “do lado direito fica o corredor e dá acesso à sala **onde eu trabalho...**” (AC-085; DE: L. 179-180).
- (6b) “no Nordeste por exemplo nós temos... ainda o **coronelismo... onde aqueles... Velhos coronéis ainda imperam a política...**” (AC-113; NO: L. 210-211)
- (7a) “mais um pouquinho o carro... capotava mas ela ficô (u)... super MAL assim ficô(u) meio ton-ta... ela num sabia muito bem **onde ela tava...** sabe? por causa do CHOque... (AC-012; NR: L. 99-101)
- (7b) Não me casei mas eu tenho um namorado vô(u) casá(r) porque nunca é tarde pra sê(r) feliz... e é o que eu tenho que comentá(r) pessoal da minha vida é isso aí que... às vezes... **onde você vê a barre(i)ra** se você soubé(r) enfrentá(r) em frente aí que você vê... o lado bom da coisa... (AC-142; NE: L. 13-16)
- (8a) ali ele vai ferven(d)o ele vai cozinhan(d)o tal tal aí quando eu vejo que tá quase pronto assim que eu vejo que a água ta quase secan(d)o... eu desligo o fogo coloco a tampa aí de(i)xo que ali ele já cozinha sozinho... é **onde [ele fica bom]** Doc: [ah]... sério? Inf: é onde ele fica bom e aonde ele num fica papa tam(b)ém e/ ele num fica DUro ele fica assim BOM sabe? ele não fica duro nem papa (AC-074; RP: L. 328-333)
- (8b) “às vez a mãe bebe demais o pai bebe demais e vai querê(r) í(r) falá(r) po filho – “num pode” →?... tipo uma que ele vai falá(r) – “por que que você pode e eu não posso?” – aí vai começá(r) a fazê(r) escondido... e é **onde o mundo tá do jeito que TÁ...**” (AC-024; RO: L. 418-420)

Dessa forma, assumimos que “os principais tipos de sentenças relativas são formalmente estabelecidos de acordo com a presença ou ausência de um nome, chamado de núcleo, externo a eles. Na presença do nome [...] a sentença relativa aparece adjacente a ele e é chamada de relativa com núcleo” (BRAGA, KATO, MIOTO, 2015, p. 188). Quando não há um núcleo ou antecedente exposto, temos o que se convencionou chamar de “relativa livre (ou sem cabeça)”. Assim como no caso da “relativa com núcleo”, a “relativa livre” é um constituinte da oração matriz, nela desempenhando funções diversas (MATEUS et al, 2003). Em (7a) atua como adjunto adverbial de lugar; em (7b) a oração pode ser analisada como uma completiva. Uma característica distintiva das “relativas livres” é que elas não têm um constituinte relativizado, e, assim, “o constituinte-Q deve estar apenas para a sentença encaixada” (BRAGA, KATO, MIOTO, 2015, p.194).

Já as não relativas com **onde** são orações que estabelecem conexões com a oração ou orações precedentes, em construções que se aproximam das hipotáticas pela expressão de relações lógico-semânticas como tempo, causa, consequência (NEVES, BRAGA, 2016). É o que vemos em (8a) e (8b).

O terceiro grupo de fatores analisado não se caracteriza como um aspecto estrutural, em sentido estrito, já que é do nível do texto: contempla as cinco modalidades textuais segundo as quais estão organizadas as entrevistas do projeto ALIP. Partimos da hipótese que pode haver correlação entre essa tipologia e a presença menor ou maior do tipo de **onde** (locativo/ não locativo).

Os grupos de fatores extralinguísticos, que definirão o perfil do falante que utiliza o pronome relativo **onde** em referência a diferentes categorias semânticas, incluem: (i) sexo/gênero; (ii) escolaridade; (iii) idade.

Os dados foram coletados com o auxílio do programa *AntConc* (Tang, 2011) e a quantificação de dados foi efetuada por meio da linguagem de programação R (CORE TEAM, 2018).

4 Análise dos dados – o lugar de *onde* ‘não locativo’

O levantamento de dados no *corpus* resultou um total de 649 orações com o pronome **onde**, das quais em 574 (88,5 %) **onde** remete a uma leitura locativa *strictu sensu* e em 74 (11,5 %) se associa a uma categoria semântica não espacial. Considerando, então, nossa primeira questão de pesquisa, a resposta dos dados paulistas analisados é positiva: é possível identificar usos não locativos na fala do interior de São Paulo. Essa distribuição não corresponde, naturalmente, a uma situação de variação propriamente dita, já que estamos tratando de sentidos diferentes para as construções. Elas não “dizem a mesma coisa”. Mas o tratamento variacionista nos permite caracterizar os diferentes usos, traçar um perfil de quem e em que contexto um ou outro ocorre. É essa caracterização que estamos buscando, como um caminho para investigar uma possível ampliação dos usos não normativos de **onde**.

Quando avaliamos as possíveis correlações entre os usos, fatores linguísticos e o perfil dos falantes, valendo-nos de uma análise univariada, verificamos que três grupos de fatores podem contribuir para a caracterização das construções: o próprio **tipo de construção** (com ou sem antecedente, relativa ou não), o **tipo de texto** em que o dado foi produzido e a **faixa etária** do falante^{††}. Nas tabelas 1 e 2 temos os índices de emprego de **onde** “não locativo” para o primeiro e o segundo desses grupos de fatores.

Tabela 1 – Frequência e proporção de uso de **onde** “não locativo” segundo o **tipo de construção**

Tipo de construção	% de uso “não locativo”	N de “não locativo”	Total
Com antecedente	6%	20	355
Sem antecedente	11% ⁰	30	269
Não relativa	100%	24	24
Total	11,5%	74	648

$$X^2 = 197.9, (2), p < 0.00000000000000022$$

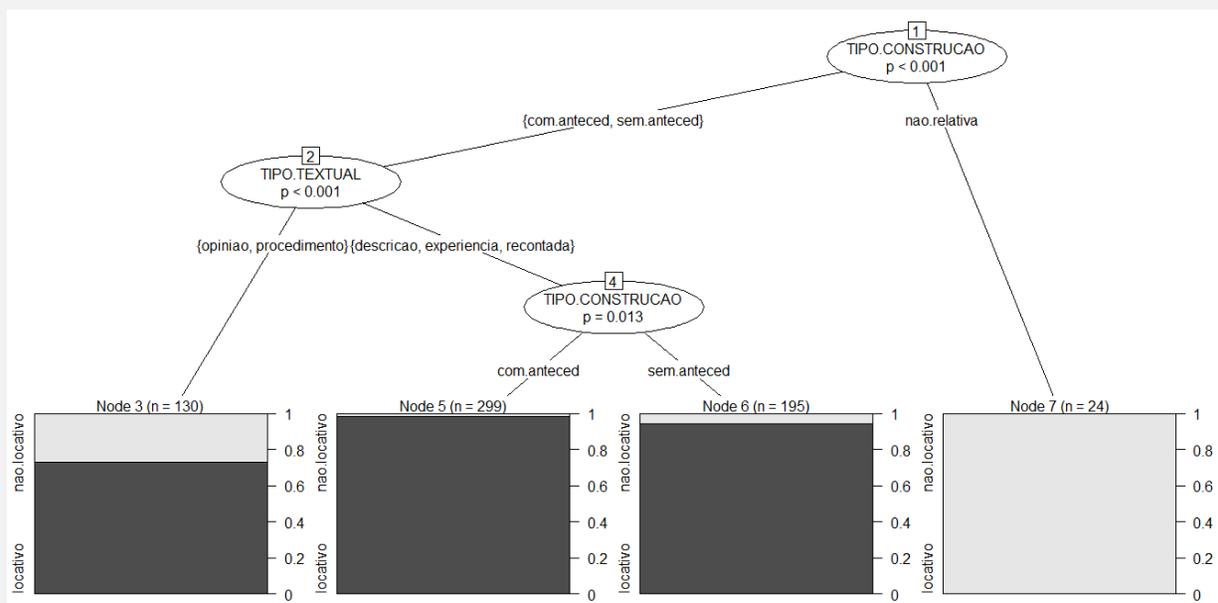
Tabela 2 – Frequência e proporção de uso de **onde** “não locativo” segundo o **tipo textual**

Tipo textual	% de uso “não locativo”	N de “não locativo”	Total
Descrição de espaço	2%	6	320
Narrativa recontada	7%	5	74
Narrativa de experiência	18%	21	117
Relato de procedimento	25%	17	67
Relato de opinião	36%	25	70
Total	11,5%	74	648

^{††} Os demais grupos de fatores considerados apresentaram os seguintes índices de uso do **onde** “não locativo”: *Sexo* – fem (13%; 42/315), masc (10%; 32/333); *Escolaridade* - primeiro fundamental (7%; 6/89); segundo fundamental (10%; 14/147); ensino médio (17%; 31/182); ensino superior (10%; 23/230). A análise estatística não apontou correlações significativas entre esses grupos de fatores e os usos de **onde**.

A distribuição dos usos de onde “não locativo” nos revela que ele está associado a construções **não relativas** e que é encontrado sobretudo em **relatos de opinião, relatos de procedimento e narrativa de experiência**, nessa ordem. A representação na Figura 1, gerada a partir de um cálculo de regressão logística, mostra como esses grupos de fatores estão hierarquizados: uma escala de subdivisões das categorias de análise em função das interações que mantêm umas com as outras. Na base da hierarquia (na ponta dos “galhos da árvore”) temos o resultado da combinação dos fatores, representando a proporção de usos locativos e não locativos em cada caso por meio das barras verticais.

Figura 1 – “Árvore de inferência condicional” (*c-tree*) referente aos usos locativos e não locativos do **onde** nos dados do ALIP^{##}



Fonte: própria

Vemos que o *tipo de construção* estabelece a primeira grande distinção quanto aos dois usos, indicando que o contexto das **não relativas** abriga sempre **onde** “não locativo” (nó 7). Para os casos de **relativas** (com ou sem antecedente), a distribuição dos usos de **onde** depende do *tipo textual*: **relatos de opinião** e de **procedimento** concentram proporcionalmente mais casos de **onde** “não locativo”, quer haja ou não antecedente (nó 3). Já entre os dados que ocorrem na **descrição de espaço**, e nas **narrativas recontadas** e de

^{##} O método de regressão que gera **árvores de inferência condicional** (LEVSHINA, 2015) opera um cálculo que resulta em uma ‘classificação’ dos grupos de fatores e fatores envolvidos na análise de um fenômeno, segundo uma partição binária recursiva. Segundo Levshina (2015, p. 291) “o algoritmo testa se quaisquer variáveis independentes estão associadas com a variável dependente (resposta) e escolhe a variável que tem a associação mais forte com a [variável] resposta”. A partir disso “o algoritmo opera uma divisão binária nessa variável, dividindo o conjunto de dados em dois subconjuntos”. O processo se repete “até que não haja variáveis associadas ao resultado no nível pré-definido de significância estatística”. O resultado é projetado na forma de uma árvore como a que vemos na figura 1. Não estamos tratando de um fenômeno variável, mas julgamos que o emprego desse recurso de análise contribui para o mapeamento dos usos de **onde**.

experiência, mostra-se relevante considerar a presença ou ausência de antecedente (nós 5 e 6), ainda que a frequência de casos de **onde** “não locativo” seja bastante baixa em ambos os contextos⁵⁵.

Consideramos que o predomínio da referência espacial nesses três últimos tipos de texto se deve à temática, no caso da descrição, e ao fato de o espaço ser um componente essencial da narrativa. Os exemplos (6a) e (7a) ilustram essa associação. Quanto às correlações de **onde** ‘não locativo com **relatos de opinião** e de **procedimento**, a interpretação passa por um refinamento da categoria “não locativo”, que abriga noções como **lugar abstrato, tempo, situação/estado, instituição, atividade, noção, produção discursiva** (COELHO, 2001; BRAGA, MANFILLI, 2004; SILVA, 2008; LIMA, COROA, 2013). Embora o número de ocorrências de **onde** “não locativo” não seja grande, é significativo que tenhamos encontrado na amostra dados para todas essas categorias semântico-cognitivas; isso vem corroborar o caráter multifuncional do item e apoiar a hipótese de seu caminho de gramaticalização.

Se, por um lado, a avaliação plena da hipótese de gramaticalização demandaria um estudo diacrônico, que não é nosso foco aqui, por outro, o leque de noções expressas e a natureza das construções identificadas são suficientes para afirmar que **onde** cumpre um espaço bem mais amplo na construção do texto do que usualmente lhe é atribuído na tradição gramatical. Algumas correlações mais específicas merecem comentário. Os casos de **onde** “locativo” ocorrem de forma quase equitativa *com* (58%) ou *sem* (42%) antecedente; quando observamos os casos de “lugar abstrato” ((7b), aqui reproduzido novamente), porém, 89% deles aparecem *sem antecedente*. Já os casos que podem ser classificados como de **produção discursiva** ocorrem em construções em que o **onde** estabelece uma conexão lógico-semântica entre a oração e sua precedente (não funciona como relativa), como temos em (7b) e (9):

(7b) Não me casei mas eu tenho um namorado vô(u) casá(r) porque nunca é tarde pra sê(r) feliz... e é o que eu tenho que comentá(r) pessoal da minha vida é isso aí que... às vezes... **onde você vê a barre(i)ra** se você soubé(r) enfrentá(r) em frente aí que você vê... o lado bom da coisa... (AC-142; NE: L. 13-16)

(9) a reação dela me bateu... ela gritava... ela ficô(u) transtornada não aceitava de forma alguma às vezes... se eu tivesse morrido ela preferia do que passá(r) por isso... e... **onde que esse filho veio sê(r) a alegria** da vida dela depois mas uhm... (latido de cachorro ao fundo) na hora da notícia foi a... um problema pra ela... mas isso com medo de contá(r) para meu pai que meu pai era muito severo (AC-142; NE:L. 42-47)

Podemos, então, pensar em uma gradação, que corrobora resultados de estudos anteriores (LIMA, COROA, 2013; LIMA, 2007; SOUZA, 2003): (i) o uso semântico prototípico (locativo concreto) se associa com o papel anafórico do **onde**, mais visível nas construções com antecedente, mas ainda identificado em construções sem antecedente, (ii) esse papel anafórico/pronominal também é identificado na expressão de categorias semânticas relativamente mais abstratas (lugar abstrato, atividade, noção, p.ex), em construções com ou sem antecedente, ainda que as segundas sejam mais frequentes, (iii) **onde** assume um papel de conector entre

⁵⁵ Ainda que não seja perceptível na figura (por limitações técnicas), há uma pequena proporção de casos de **onde** “não locativo” em construções “com antecedente” nos textos “descrição”, “narrativa de experiência” e “narrativa recontada” (nó 5): 4 casos em 299 (1,3%).

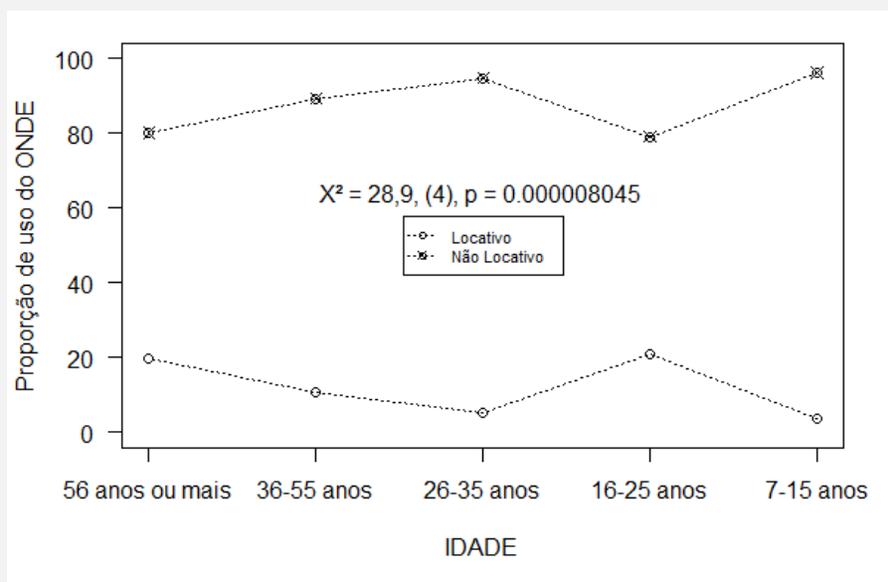
orações, expressando nexos lógico-semânticos em relações hipotáticas. Particularmente no que se refere a (iii), o que se observa é que **onde** atua na tessitura de estratégias argumentativas. Os exemplos em (9) e (10) ilustram esse papel.

(10) e o ciano bem próximo de um azul bem claro... então conforme você mistura essas cores... é **onde sai a... tonalidade que você qué(r)...** (AC-053; RP: L. 312-313)

O exemplo (11) representa um arranjo frequente nos usos não locativos de **onde**. Vemos nele descritas duas situações ordenadas temporalmente e numa relação de causa/condição-consequência: situação 1 – “você mistura essas cores”; situação 2 – “sai a tonalidade que você quer”. **Onde** remete a esse momento/condição em que a situação 2 ocorre. A presença do verbo **ser** realça, como um focalizador, esse momento. Do ponto de vista das categorias semânticas expressas pelo item, temos uma certa ambiguidade, ou a combinação de valores, que parece servir bem ao efeito de encadeamento discursivo buscado.

Para além dos aspectos linguísticos, destacou-se na análise uma correlação tão interessante quanto intrigante entre os usos de **onde** e a **faixa etária** dos falantes. O controle desse aspecto é relevante, na medida em que pode trazer subsídios para a avaliação da hipótese de gramaticalização. A Figura 2 apresenta o resultado desse grupo de fatores.

Figura 2 – Usos locativos e não locativos do **onde** nos dados do ALIP segundo a faixa etária do falante***



Fonte própria

*** Os índices de frequência e de proporção de uso do **onde** “não locativo” para cada um dos fatores são os seguintes: 55 anos ou + : 20% (24/121); 36-55 anos: 11% (17/159); 26-35 anos: 5% (10/192); 16-25 anos: 21% (20/96); 7-15 anos: 4% (3/80).

O que se vê é que a hipótese clássica relacionada à idade não se verifica: não há um gradual aumento do uso de **onde** “não locativo” à medida que analisamos a fala de pessoas mais jovens, o que poderia ser esperado em um cenário de expansão desses usos. Dois grupos etários apresentam índices significativamente mais altos de uso não locativo de **onde**: os falantes entre 16 e 25 anos e aqueles com mais de 55 anos. Em contraponto, os falantes mais jovens da amostra (de 7 a 15 anos), aqueles das faixas entre 26 a 35 anos e entre 36 e 55 anos têm uma proporção bastante baixa de emprego de **onde** “não locativo”. Como interpretar essas correlações? Parece necessário considerar possíveis motivações específicas a cada grupo etário e também as interações com outros grupos de fatores. Lançamos algumas hipóteses explicativas que são apresentadas como possíveis caminhos de investigação, pela impossibilidade de aprofundá-las no contexto deste estudo.

Uma possível linha de interpretação tem a ver com o tipo de construção em que encontramos, predominantemente, **onde** “não locativo”: 53 (73%) dos 73 dados de **onde** “não locativo” ocorreram em relativas sem antecedente ou em construções não relativas. Entendemos que o processamento da relação estabelecida pelo **onde** nesses casos seria cognitivamente mais complexo do que nos casos em que o pronome tem um antecedente explícito e próximo. Se ainda considerarmos os tipos de situação de produção textual mais comuns entre os mais jovens e nos primeiros níveis de escolaridade (inclusive em termos de temática), não teríamos nesse segmento com tanta frequência as condições de produção favoráveis ao emprego dessas construções.

É interessante observar que o índice mais alto de **onde** “não locativo” ocorre entre os falantes entre 16 e 25 anos que se encontram diretamente mais afetados pelo ambiente escolar (ou estão cursando ou recém concluíram algum dos níveis). Os dados desse grupo provêm majoritariamente de falantes com Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino Superior. O contato com uma demanda de produção textual que envolve temáticas mais abstratas poderia ser um motivador para o emprego das construções em estudo.

No caso dos grupos de 26 a 35 anos e de 36 a 55 anos, nossa hipótese é de que os índices pouco expressivos de emprego de construções com **onde** “não locativo” podem estar associados ao seu valor não normativo. Essas faixas etárias concentram a maior parte dos anos de inserção no mercado de trabalho. Pressionados a fazer uso de estratégias de mais prestígio, mais adequadas do ponto de vista da norma padrão, os falantes evitariam o emprego de **onde** “**não locativo**”, adotando para a expressão dessas categorias semânticas outros arranjos sintáticos. O papel do mercado sobre o emprego de formas linguísticas (BOURDIEU, 1977) já foi destacado em um conjunto de estudos sociolinguísticos (SANKOFF, KEMP, CEDERGREN, 1980; OLIVEIRA e SILVA, PAIVA, 1996; BRANDÃO, 2017), ainda que seja, a nosso ver, uma correlação que pede um aperfeiçoamento de métodos para sua efetiva avaliação.

Estamos cientes de que, para verificar a validade dessas reflexões, seria necessário um aprofundamento tanto dos aspectos cognitivos da produção das construções em foco, como da avaliação que recebem as construções consideradas não prototípicas pela tradição gramatical. Esses empreendimentos passam pela análise do tratamento dado às construções sintáticas complexas em currículos escolares e pela elaboração e aplicação de instrumentos para medir a percepção e avaliação de falantes em relação a tais construções. Todos ultrapassam o escopo do presente trabalho.

5 Considerações finais

Ao encerrarmos essa análise, voltamos a nossos questionamentos iniciais. Primeiramente, nos perguntamos até que ponto os dados paulistas ‘desafiam’ a tradição gramatical sobre o emprego de **onde**? Vimos que os dados, assim como a análise, confirmam a presença de usos não locativos de **onde** na fala paulista e os associam a certos contextos ligados à natureza da oração e à natureza do texto em que ele é empregado. É assim que encontramos **onde** não locativo preferencialmente em (i) orações não relativas e (ii) em relatos de procedimento e em relatos de opinião. Em orações relativas propriamente ditas, encontramos uma pequena proporção de uso de **onde** não locativo em construções sem antecedente.

Na medida em que identificamos padrões de uso, a ideia de que estamos diante de usos ‘desviantes’ da norma se vê questionada. Se ainda é necessário explorar o processo por meio de refinamento de categorias, as constatações a que chegamos são suficientes para reforçar, a partir da descrição de um *corpus* paulista, as observações já disponíveis na literatura sobre a multifuncionalidade de **onde**.

Esses resultados, bem sabemos, se contrapõem a uma postura arraigada de prescrição gramatical, que incide particularmente sobre a produção escrita, mas também transborda para os usos falados. Vale lembrar a definição que Aléong (2001) nos dá de **norma explícita**:

A norma explícita compreende esse conjunto de formas linguísticas que são objeto de uma tradição de elaboração, de codificação e de prescrição. Ela se constitui segundo processos sócio históricos [...] Codificada e consagrada num aparato de referência, essa norma é socialmente dominante no sentido de se impor como o ideal a respeitar nas circunstâncias que pedem um uso refletido ou monitorado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública. (ALÉONG, 2001, p. 153)

O respeito a essa norma “codificada e consagrada”, a imposição desse ideal linguístico projeta um estigma sobre formas legítimas resultantes de processos de variação e de mudança na língua viva das comunidades. A escola é instituição normatizadora por excelência, espaço legitimador da norma explícita. É notório que existe uma prática de controle e rejeição da variação em textos, principalmente escritos, produzidos por alunos em ambiente escolar. Tal prática contribui sobremaneira para que a norma explícita (ou norma padrão) se distancie cada vez mais da norma culta (o padrão real). Como nos diz Faraco (2004):

outro fator que contribui para distanciar as duas normas e reforçar o conservadorismo do padrão é o controle consciente de fenômenos linguísticos que se faz com mais facilidade na atividade escrita (por ser ela muito mais propícia ao controle reflexivo do que na fala). (FARACO, 2004, p. 49).

Esse quadro não é diferente no que se refere aos usos não normativos de **onde** (ZILLES, KERSCH, 2015). Vemos que grande parte dos estudos desenvolvidos até o momento sobre **onde** focalizaram textos produzidos em ambiente escolar ou a ele relacionados. Não é incomum encontrar a interpretação de que tais usos resultam de um fracasso no ensino da norma legitimada.

Preferimos adotar uma outra perspectiva, que consideramos necessária e urgente: a perspectiva da dinâmica linguística. Recorrendo mais uma vez a Faraco (2004): “o movimento é inexorável, e fenômenos frequentes na fala culta acabam por inevitavelmente se estabelecer na escrita” (FARACO, 2004, p.49). Tomando esse ponto de vista, então, o que significam tais usos, senão o resultado da inesgotável plasticidade da linguagem, que se transforma continuamente na voz de seus usuários, gerando novas formas, construções, arranjos, significados? Aceito pelo grupo, o novo feito norma integra o sistema.

Uma segunda questão proposta, a partir de Braga e Manfili (2004), é avaliar em que medida os usos do pronome relativo **onde** em contextos não locativos estariam em um processo de **expansão**. Essa é a ideia defendida pelas autoras, como mencionamos na Introdução. Nosso estudo apontou para a ocorrência de usos não locativos do pronome na fala paulista, mas a constatação da ocorrência seria indício de processo de expansão? Entendemos que nossos dados, por si só, não nos permitem chegar a essa conclusão.

O fato de se identificar uma natureza multifuncional nos usos de **onde**, em contraste com o que vem prescrito na tradição gramatical, pode sugerir esse movimento: se essa tradição retrata de algum modo o que a língua foi e resiste a registrar o que a língua é, o distanciamento indicaria que houve mudança. Mas é preciso considerar que o estabelecimento da norma gramatical (do padrão) se constrói a partir de uma seleção de uma norma (entre tantas) (Haugen, 2001). Como então afirmar que os usos não locativos de **onde** hoje observados fazem parte de um processo recente na língua? Como garantir que tais usos, já presentes em períodos anteriores da história da língua, simplesmente não foram contemplados na codificação do modelo de referência da língua?

Apenas o estudo histórico do fenômeno vai poder verificar se estamos de fato diante de uma ampliação desses usos. O trabalho de Bonfim (1993), referida por Zilles e Kersch (2015), oferece uma perspectiva nesse sentido. Nele se investiga a variação de ‘u’ e ‘onde’ no português arcaico, processo que resulta no desaparecimento de ‘u’ e na incorporação de seu valor por ‘onde’. A discussão é especialmente interessante para a análise da multifuncionalidade de **onde**. A situação de variação provém de um cenário que inclui um conjunto mais amplo de formas para a expressão do valor locativo: as formas latinas *ubi* (‘lugar onde’), *unde* (‘lugar de procedência’), *quo* (‘lugar para onde’) e *quā* (‘lugar por onde’). Zilles e Kersch (2015) argumentam que, por expressar o sentido de proveniência, **unde/onde** também foram empregados com sentido de causa” no português antigo (ZILLES, KERSCH, 2015, p.166). Bonfim constatou já no século XIII o emprego de **onde** que chama de ‘discursivo’ (que “estabelece uma ligação intra ou extrafrástica entre segmentos do texto, por necessidade argumentativa” (Bonfim, 1993, p.99; apud Zilles e Kersch, 2015, p.167). O estudo de Kersch (1996) confirma o uso de **onde** como articulador de orações para além da estrutura relativa desde o português arcaico.

Assim, está bem estabelecida a ideia de que a multifuncionalidade de **onde** lhe é constitutiva desde que se consolidou como pronome relativo, no período arcaico. Como nos dizem Zilles e Kersch (2015), “usos diferenciados desse relativo, com valores distintos do prescrito pela norma curta, podem ser encontrados já em Camões, que é citado, quando convém, como exemplo de referência para um português ‘puro’” (ZILLES, KERSCH, 2015, p.172). São as mesmas autoras que chamam a atenção para a necessidade de um estudo histórico, em tempo real ou aparente, para que se possa, de fato, afirmar se os usos não prescritos estão ou não em processo de expansão, esforço ainda a empreender para descobrir e trilhar os caminhos de **onde**.

Referências

- ALÉONG, S. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 145-174.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, E.B; FURTADO DA CUNHA, A. A subordinação adjetiva. In: CASTILHO, A.T. de. (coord.) **História do português brasileiro: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Contexto, 2019. p.132-169.
- BOURDIEU, P. L'économie des échanges linguistiques. **Langue Française**, Paris, n.34, 1977.
- BRAGA, M.; MANFILI, K. Essa é a preocupação onde eu quero chegar: “onde” em referências anafóricas no português do Brasil. **Veredas** 8 (1-2), 2004. p.233-243.
- BRAGA, M.; KATO, M. A.; MIOTO, C. As construções-Q no Português Brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas. In: KATO, M. A., NASCIMENTO, M. do. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BRANDÃO, S.M. Mercado linguístico: uma interpretação da imbricada relação *estrutura linguística e estrutura social*. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**. Catalão-GO. Vol.21, n.1, 2017. p.225-255.
- CAMACHO, R. G. Regularização das relativas de lacuna: motivações em competição. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, F. T. (Org.). **Dinâmicas funcionais da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- CAMACHO, R. G. **Da Linguística Formal à Linguística Social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMBRAIA, C.N; ARAÚJO, L.E.S. Variação em locativos no português de Belo Horizonte: estudo sociolinguístico. **Paralelo 20**, Belo Horizonte, n. 2, dez. 2004. p.123-132.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CASTILHO, A.T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COELHO, S. M. **Uma análise funcional do onde no Português Contemporâneo: da sintaxe ao discurso**. 2001. Dissertação (Mestre em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- COROA, M. L. M. S.; LIMA, S. Recategorização, semantização e discursivização na trajetória de gramaticalização do onde. **Via Litterae**, Anápolis, v. 5, n. 2, p. 307-333, jul./dez, 2013. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae>>
- COSERIU, E. **Lições de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980, p. 119-125.
- FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 37-61.
- FARACO, C.A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, C.A.; ZILLES, A. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

GONÇALVES, S. C. L. G. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em 21/12/2017.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GORSKI, E.; TAVARES, M.A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**. Natal/RN. Volume 15 Número especial, 2013. p.79-101.

HAUGEN, E. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, M. (org.) **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p.97-114.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HJELMSLEV,

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. New York, Cambridge University Press, 1993.

KERSCH, D.F. **A palavra onde no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS. 1996.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

LABOV, W. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. (eds) **Sociolinguistics: The Essential Readings**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p.234-250.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 3: Cognitive Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2010.

LAGARES, X.; BAGNO, M. (orgs) **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. 2 ed. Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, 2002.

LEHMANN, C. Gramática funcional. In: PERES de OLIVEIRA, T.; SOUZA, E.R.F. (eds) **Funcionalismo: princípios, metas e métodos**. Atas do I Simpósio Internacional de Linguística Funcional (*Revista Guavira Letras*, Três Lagoas), 2011. p.1-17

LEVSHINA, N. **How to do Linguistics with R**. Data exploration and statistical analysis. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

LIMA, S.C. **O impacto do vernáculo sobre o uso do onde na escrita monitorada**. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Distrito Federal. 2007.

LIMA, S.; COROA, M.L.M.S. Recategorização, semantização e discursivização na trajetória de gramaticalização do onde. **Via Litterae**, Anápolis, v. 5, n. 2, p. 307-333, jul./dez, 2013. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae>>

- MARINHO, J. H. C. O uso do onde no texto acadêmico. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.159-170, jan./jun. 1999.
- MATEUS, M.H.M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MOLLICA, M. C. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica.
- NEVES, M.H.M.; BRAGA, M.L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, M.H.M. (org.) **A construção das orações complexas** (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 5). São Paulo: Contexto, 2016. p.124-166.
- OLIVEIRA e SILVA, G.M.; PAIVA, M.C. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M.; SCHEREE, M.M.P. **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.335-378.
- POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Org.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. New York: Oxford University Press Inc., 2011, p. 209-224.
- R Core Team (2018). **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.
- REY, A. Usos, julgamentos e prescrições linguísticas. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 115-144.
- RIBEIRO, I. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 185-208.
- SANKOFF, G.; KEMP, W., CEDERGREN, H. The syntax of *ce que qu'est-ce que* variation and its social correlates. In: SHUY, R. E; FIRSCHMIG, R.W. (eds) **Dimensions of variability and competence**. Washington: Georgetown University Press, 1980.
- SILVA, F. C. P. da. **O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- SOUZA, E. H. P. M. de. **A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador**. 2003. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- TANG, W. **A Simple Guide to Using Antconc**. 2011. Disponível em: http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/resources/help_AntConc321_english.pdf.
- TARALLO, F.L. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983. PhD Dissertation.
- TARALLO, F.L. The filling of the gap PRO-DROP rules in Brazilian Portuguese. In: KING, L.D.; MALEY, C.A. (eds) **Selected papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages**. (Current Issues in Linguistic Theory, 36), Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]

ZILLES, A. M. S.; KERSCH, D. F. Onde: prescrição, proscricção, descrição e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 145-187.

“WHERE HAVE YOU BEEN?” – ON PRESCRIPTION AND USE OF “ONDE” AT PAULISTA SPEECH

X

Abstract:

We analyze the uses, as grammatically prescribed or not, of onde in a variety of the paulista speech. We also discuss if the "deviant" uses are embedded in a process of grammaticalization. Our theoretical-methodological basis includes grammaticalization theories (HEINE et al., 1991; HOPPER, TRAUGOT, 1993; LEHMANN, 2001,2011), Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001 , 2010), complemented by the concept of norm(s) (COSERIU, 1980, REY, 2001, ALÉONG, 2001, FARACO, 2004, FARACO, ZILLES, 2017). Data from the IBORUNA database of the ALIP project (Gonçalves, sd) were analyzed according to groups of extralinguistic factors (sex / gender, age, schooling) and of linguistic factors (textual type and type of construction), and quantified by means of programming language R (CORE TEAM, 2018).

Keywords: onde. Grammaticalization. Linguistic Norm. *Paulista* Portuguese

X